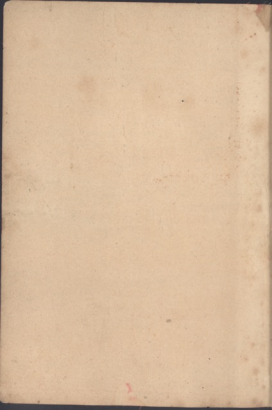


Poesias. 1874

de

M. de la Parra



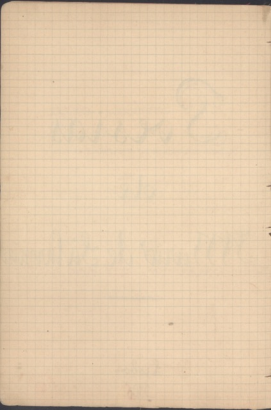
Socias

de

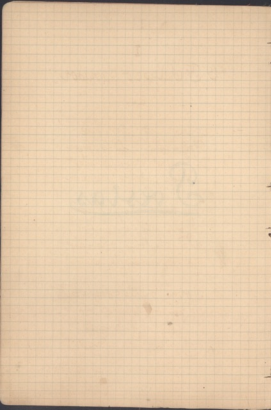
Mario de Sarmiento

Lisboa
1908





Poesias



O Fidalgo e o Lavador.

—

É meia noite, e o baile
 Polga tudo e tudo dança.
 E' moim' hora o lavador
 E' o seu caselre descansa.

Uma hora, e o palacio
 Abre as suas portas.
 E a Chapeira o lavador
 Já terminou de jantar!

Dorme o fidalgo num leito
 De pennas, sobressaltado.
 Em talhas o lavador
 Refresca, mas socegado!

24 abril 1903.

A noite de Natal.

Em a noite de Natal
 Alegrem-se os pequenitos
 Pois sabem que o bom Jesus
 Costuma dar-lhes bonitos

Não se deitar os lindinhos
 Dessem formem de contentar
 E somente ás dez horas
 Adormeçam inocentes.

Perguntam logo a criada
 Quando a corde se acorda
 Se Jesus lhes não deu nada.

— Deu-lhes sim, muitos bonitos.
 — Quando nos já levantar
 Responderem os pequenitos.

25 abril 1903

A Tempestade.

A tempestade é hummel
 Não ha nada mais melonho.
 Parece mesmo impassivel
 'Spectaculo tão tristonho.

A tempestade é do inferno
 Pois no ceu não a pode hum,
 Ella é do rei do Inferno
 Que de Deus não pode en!

1903

A Quinta da Victoria.

Existe em Camarate,
Terreola suburbana
Uma quinta que encanta
Toda a alma ... sendo humana!

Ella é mesmo um paraíso!
Essa quinta que é minha
Chama-se a gente do sitio
Da Victoria do Milenário.

Em essa bella vinenda
Em a qual eu fui creado,
Escrevi tudo o que existe
D'onde a capella ao cerrado.

Quem vender essa terra
Porque faz muita despesa.
A esguinte se fala d'isto
Digo eu assim com aspr'za:

- Não viera qu'ella goste
Dá uma festa tão bella?
Sens catarras duma foga
Sepam gratos p'ra am ella

30 julho 1903

V

O amor.

Nota

Amor é chama que mata,
Sorriso que desfalece,
Madeira que se deita,
Perfume que se esvaia.

(Popular)

Galasas

Amor é chama que mata,
Dizem todos com razão,
É mal do coração
E com elle se embodeca.
O amor é um sorriso
Sorriso que desfalece.

A Madeira que se desafia
Denominam-no também.
O amor não é um bom:
Quem ama sempre padecer.
O amor é um perfume
O perfume que se evapora.

17 maio 1905

VI
A Rosa

Mate

A rosa para ser rosa
Deve ser d' Alexandria.

Gulosa

A rosa para ser rosa
O que ser muito cheirosa
Muito fresca e miçosa
Como tu linda offeira.
Seja branca ou encarnada
Amarella ou rosada
Deve ser d' Alexandria.

1905

IVII

Perfil

do ex.^o con. Custódio Valente, professor do Lyceu

Um metro, se tanto, tem S' altura;
O peso da cabeça: meio grammas,
O do torso é só San Kilogrammas
D'um milimetro é sua grossura.

Na cabeça que é bastante dura
Existe por fora muita barba,
Por dentro, algodão em rama
Formulas, theoremas, serraduras...

Dizem ser elle oncul valente;
Será radiação esta acção?
Pode ser pois não-se muita gente,

Como o feroz cl'apolião
Tendo pequenina, e não ingento
Ter mui valeroso o coração.

VIII

O Clarim.

O ar está puro, a estrada e larga
 O Clarim toca: á carga,
 Os Lusos não cantando.
 Lá em cima na colina,
 Na floresta que a domina
 O nomego está esperando.

O Clarim é um valente
 Quando a lucta é iminente
 É um nobre campeão.
 A batalha, a sua guerra
 Fez-lhe mais do que uma festa,
 Os pés, na frente e na orão!
 É elle que guia a festa
 E a sua ampla testa
 Coberta está de suor.
 Elle rege, rege por a frente
 E sua torelleta ardente
 E' melada e com fervor.

E só por ella levado
O mais coherde soldado
Com coragem sempre accesa.
Tob o seu clangor ardente
Tudo se torna valente
Cheio de brío e de esperanza.

Ainda mais avançassem
Os soldados e chegassem
Já ao cume da collina.
Defendem-se bem ligeiros
Os inimigos arturos.
A refrega é feroz.

Logo á primeira descarga
O clarim tocando a carga
E fendo perigosamente.
Ates por um supremo esforço
Levante elle o seu longo
E toca mais fortemente.

O valente clarim
Alisator ficom attento
Chamando a todos e defendendo.

Mas vendo que os seus venciam
Que os inimigos morriam,
Depois de ter esse gozo;

O nosso herói se agita
E vendo a vitória, grita

E' o as forças que pende lá:

Bravo, Bravo! Oh soldados!

A seus os filhos amos os!...

E acabou de viver!....

(Traduzido do francês de Deroulde)

51 março 1905.

IX

Fragmento d' uma poesia de V. Hugo
que trata do espoliação.

.....
.....
E o heise olhando para o cam-
Brasão: o futuro é meu!

Não, o futuro não pertence
Lis, nem morto, a ninguém.
O futuro o grande Deus
Guardado no camoteu.

Todos os contos da terra
A riqueza e a glória,
A felicidade na guerra,
Grãos rezes mais brilhantes,
Victorias com celhadas
Ambições realizadas
Calam nas nossas fundações
Como raios fulminantes.

oão! quem quer que seja, ou rico ou pobre;
Um rei ou um peitor, nunca descebe
Essa causa vã!

O futuro objecto mascarado
Que anda sempre, sempre ao nosso lado
Chama-se amanhã!

D'amanhã (nosso mysterio)
Qual será a semente?
Amanhã é o futuro
É o futuro presente!

Um novo mundo encontrar-se,
Um tráfego semacana-a,
Paris em Roma tornar-se;
Amanhã é isto tudo:
Um asperimmo caminho
Roberto de manto espinho,
Amanhã do throno o punho
Hafé é o seu velludo.

Amanhã, amanhã (amarantada flor)
É conquistada ope offascom que o mentem

Iluminando o céu!

Amanhã, amanhã (a montagem na terra)
Elha, Waterloo e Santa Helena...
Alfama o mausoléu!

(trad.)

13 Junho 1905

X

À morte de W.....

Oh meu Deus, meu Deus; diga ella a Deus
Porque matas tu este innocente?
Se tão lindo m'ó quizesse ser
Para que m'ó tires novamente?

P'ra quê? P'ra quê? P'ra castigar?
Eu nunca me portei malosamente...
Não me quizes mais mortificar
Oh! Deus, oh! Deus, se' Elementa!

Mas pouco a pouco se ia definando
E a negra morte ia se apossando
Do seu pequenno corpo já formoso;

Mas não succeder, não, oh offe!
Lembra-te das auctor que tam bem
Te ag' raffer o Deus tão poderoso!

Agosto 1905

Velha Anecdota.

Passando pelo Chão
 Uma senhora honrada
 Um estudante delicado
 Dize-lhe: — É uma raça

Precoz, pauc, enebriante
 Mui miçga e perfumada:
 Vossa Exalçada é estudente!
 Ella toda esfenetada

Respondeu ao g' lanteador:
 — « O mesmo não lhe digo —
 Penaliza-me senão;
 Mas não posso. Que fazer! »

O novo hoze, o estudante,
 Que p'ra respectos se pinta
 Retorquiu no mesmo instant:
 — « Oh! minha senhora mente

Como a Vossa Exalçada se fez
 Tinha não ha boicadendo! »

I X
Pleu auer. Le mais au jour
I regne o sen com ab... 5.00

7905

Como o meu amor brotou por ti,

As tuas setenas sentada
 Quando te amei e te vi
 Cantares um lindo canto
 O qual canto eu bem ouvi

Escute - o sumo rei - só
 Effez facto - o hum Senoar
 E por isso non fize
 O que estavas a cantar :

- a le meu coração este fado
 Pelas setas do amor
 E por isso non chamar
 Para o teras o doctos.

Que é um lindo rapaz
 Mas bello do que uma rosa
 Tem os olhos mto negros,
 A bocca mui graciosa,
 E' alto, e elegante

E amo-o até ao extremo.
E só quero para elle
E por elle tudo temo.

Vê-lo, vê-lo, falar-lhe
E p'ra mim o maria falo.
Só elle no mundo quero
E quero si p'ra não esfalo.

Com o coração esta ferido
Pelas setas do amor,
E por isso vou chamar
Para o sanar o doutor ! x

E' lá o S'gureira d'este canto
Pelas suas lachrimas cantadas
Fiquem fúti, Ah! meu anjo
Leucamente enamorado.

1905

O castigo da Corteza.

Vira a sua face, apeslhado
 Um prometeu!...

Umilhados de milhaes tinha esculpido
 Sua honra, em si!...

Mais do que um feno flocado
 Pelo seu olhar

Havia-se sem esperança de novo
 Depois de H. Arremon!

Era soberba e onã, era enxada;
 P'los pobres nunca olhou.

Porem era ella tão formosa
 Que a todos encantou!

Levára a face e os olhos ao alto,
 E nunca se relaxou!

Mortuaria sempre, sempre o rosto emente
 E jamais orára!

De lá no logar elle ostentava
 Sua infame halloga,

III

A' fronte da obra se contava
Como uma da page.

.....

Um dia pareceu como encantoso
Um universo pintoso
E como o coração lhe palpitava
Em grandes amos;

Longins. isolada - Cozum parvosa
Luzca delirante
Entregou - lhe seu sempre o coração,
Quai - Cozum parvosa amos!...

Em sua arte um secreto
Que se co'pou o coração,
Que se ate - seu fac para a arrastado
Por um thesouro!

Em extravagancias o pintoso
De todo a amoniam,
'E que com triste dia (oh! honra)
A alumbrou!

Que tens um fim bem seguro
Eu não sei.
Porém esse artista tem amado
Foi o em castigo!...

1905

XIV

Menina da trança d'ouro.

Menina da trança d'ouro
Da cor da luz da boniteza....
(Popular)

Menina da trança d'ouro
Solitário o seu cabelo,
Amor, adoro esse thesouro
Vivo somente si pelo

1.^a A sua trança é tão linda
Como o sol, como uma estrela;
Peste alfin não se acinda
Pois não ha quem pode tocá-la.

Oh! quem me Sêra apertá-la
Enteira nas menfias mãos
E beijar estes cabellos
Que da aurora são irmãos.

D'esta maneira seria
Mais venturoso que Deus.

Oh! se isto succedesse
Ai! se isto acontecesse:
Sempre então seríamos
Tão felizes como nos eses!

Mas foram a minha vida
E' vida bem desgraçada
Pois é má a minha vida
Pa ser... pa ser a minha.

Quel é vida como é
Não me tem por alguém
Segundo que eu ~~gostava~~ ^{gostava} ~~de~~
Lamentar um tanto só!

E' bem triste a minha vida
Pois nem sequer a morte
Terminará o meu fado.
O meu amor é eterno
e nunca terá acabado
Embora não se expresse
Ou no seu fado perdido.

.....

Com amor mui nobre e santo
Eu ardo no meu phetearo.
E ao terminado este canto
Imponha da Virgem S'ouro!

Novembro 1905

A uma actriz.

Amo-te, oh! formosa, oh! doce mulher,
 Oh! sol, oh! vida, oh! estrella, oh! Estella
 minha!

Do meu coração és tu a única raiz!

Por Te desferrou o proprio Lucifer,
 Os santos, Deus, o mundo... aborri!

Amo-te Estella como nunca amei!

Só se eu te perdoando esquecer-me
 posso mais, ó esta vida em que não tenho fé!

Por ti, por Ti, não julgues que te amei
 Crei que amava a minha mãe etc'!

Amo-te Estella com amor profundo
 E tu meus me encobres/oh! amor é o meu
 Vozes e mulher e pela voz primeira
 Atenta-se n'ella... é d'ella a minha
 vida inteira!

É assim: celebre actas, patados a bordo,
Quando puzes o palco, Estella, flaccida
O platon todo fixa... é eu mais que ninguém
Lanço... brio em Samos... e se fôr
também

Porque te adoro muito / não sou (yampa)
Oh! formoso, oh! diamante, oh! gatinho miado!

Vc. te no theatro, ha tempo, enchendo
Uma festa representava. o o mesmo castelo
Como todos, por ti, sem ser fui montado!...
O brio muito não formo, por ti só se formo
E se se encerra, Estella ame!

Amei...

O meu coração trilha, em guerra, teu
conquistado...

O teu alhar de fogo foi quem isloph.

Eu não deixei um dia ^{seu} de te ver
Estella, meu anjo, ^{seu} brio não se encerra!

Amo-te, amado-kai, oh! gaúcho
dai-sei-te-me a-te-mo-rai
Mas nunca, nunca; esenta; tu confessa
Quem isto sente e diz e...
Nunca o amas!

4 Janeiro 1906

Duas existencias.



c'ama cada um que feltava
 e logo ar e pão
 Entãra ella ora ainda
 tendo ao seu lado um curcão;

Pais no dia em que nasceu
 Monera de par tam hem!

Vem ~~para~~ a luz do mundo
 Logouba um ano mãe!



A' um rio, claro aforante
 Entre mellaços e remans
 Onde as ondas pequenas pulso
 Para não entrar o fio,
 Embora fosse no estio
 Se também elapstado,

Onde tudo era alegria,
Onde tudo era cuidado
Tinha no mundo elle entado
Em sua esplendida d'ra!

Crescia só rodeada
Pela dôr, pela pobreza,
Pela fome, pelo frio,
Pela miséria e Krostyga

Crescia elle ao contrario
Entre risos d'alegria
Entre abundancia, opulencia
E tendo tudo o que queria

A mãe d'ella nunca se sentia
Alão podia trabalhar;
Ainda e pobre offerecia
Tinha pais que a sustentava
Para esse mundo e d'ia
Estava sempre a trabalhar!

Ella não, não tinha hein,
Nem uma levada,
De coisa alguma curiosa,
Exceto dos seus fragores.
Tinha Linheiro a todos
Mas era celebre entre todos
Pelas suas tens e molhas!

Maria como uma deusa
Era bella era formosa.
Olhos lindos, branca
A bocca, e as mãos de jác.
Alta não muito, elegante.
A tez do seu semblante
Afumada mas fresca.
Tinha o mi negro o cabelo
E de tal maneira bello
Que qualquer pessoa ao vê-lo
Ficava extasiada!

Tambem ella era formosa,
O rosto branco e rosado,

O seu labio por um bico
Lambr e fino assombrado.
Era em fim o fôto um moço
Que souia ser amado.

Por grande fatalidade
Encontra elle um dia
Ainda e lacta e fuma
Um ma da cidade.

De ser tão grande belleza
A moço, na pobreza
Ficou muito esparfado.

De offensa o coração
Palpitou ao seu gênio...

.....

Por elle foi offendido!...
Com grande amor e incentivo.

Amou-o elle também
Porém... creminosamente!

.....
.....
Passa-se tempo e a fôrça
Cham nas pernas do chute!

.....

E' deo certo que assim Lomba
Abandonou no mundo
Com um espirito profundo
Pois em quanto que effazia
Donzella do Teagradu
Vendo-se ludibriada
Viver mais tempo não queria
E co'a vida terminava;
Ella, o infame João
Continuava a miner
Pico, alago e feliz
A vida mais se fazia....

Março 1905

Canção do rei de Thule.

(de Goethe)

Em Thule outi'ria recome
 Um rec. fel. e constante
 do qual amanhada a quanto
 Um capo d'ouro seiscam.

Quando o rei n'elle hebra
 Todas as orações a meza;
 Choro do São e Thureza.
 Em franto se seafaza!

~~sentir~~ ~~choyap~~
 do qual que chegava a morte
 Reunir na mesma sella
 Em um hanzete d'égala
 Toda a intima a sua cõta.

Tõra n'esse mesmo d'ia
 Que o rei seiscam espina,
 O rei, ao qual seiscam
 Os bens, todos que hania

Porém o ~~capo~~ abraço
D'amore tão doce e abundante
Não fez parte da ligação
Tanto-o elle separado!

Omni fixa fronteira
A sala em que se juntava.
Diante do rei lá estava
O seu fiel companheiro.

O hebrim tendo acesado
Aque ^{com} o ^{fervente} fogo nascente...
~~Está na esse mesmo instante~~
~~O capo ao mar é lançado!~~

^{Mas}
Quando se desfez a
^{quaseja, tocando o fundo}
Destado no mar profundo
Desse o braço o mundo,
Tendo os olhos morib!

7º maio 1806

Lorelei⁽¹⁾

(De H. Heine)

Num limbo da deagarte
 Conia hem canço o Reno
 O can setem pheno
 O sol fe puzi posto,

Em um barco um pescador
 Navegava lentamente
 E levado p'la corrente
 Cantava cantos d'amor.

De subito a sua vida
 Demorou-se fazeuada
 O peixe que sentado
 De um rochedo no aqua

Penteava uma donzella
 Formosa como uma fada
 O seu tempo fazeuada
 E no a mar que o sol bella.

(1) - De H. Heine Lorelei foyne em allentao
 si vale ai.

E cantando uma canção
Ao mesmo tempo ella em
Cupa doce melodia
Cimara o coração.

O barqueiro allucinado
Ellas alhama p'ios esculpos
Pois fregados tinha os olhos
A a Sanyella; extenuado!...

E num instante (oh! horror)
O lindo barco alyssmon - se.
Com elle junto a fogueira - se
O infeliz pescador.

O canto de Lorelei
E' doce e e' commovente.
Se por algum e ouvido
Ea quem por certo otheit;
O que como elle não ha,
A todos pessoas, encanta
A sua harmonia e tanta...
O que sonante a morte dá!...

16 maio 1866

XIX

Recordações de um moribundo.

I

A morte de mim já se aproxima,
Vae termina a vida e é somente
Um ultimo sangue que me anima.

Quase eu desajear ardentemente
Porque não mais agradecer,
Porque dormirei eternamente;

E como meu martyrio acabarei!
Foi tão meiga, tão triste a minha sorte
Que no tormento a té, nunca a esquecerei!

Eu formo não ser feliz! Enxerente a morte
Porém 'inda me deixas ao... alhar,
Enquanto minha alma ella não cõte
ad minha dorventura queo vander!

II

Oh! que formoso jardim!
Que bello lago no meio
D'agua limpinha bem cheio

E peixinhos a nadar !

Que ^{infusa} ~~pega~~ aroma a jasmim
Embaloma o puro ar !

Que raios que o sol lança !

Que azul que está o céu !

Com um carinhoso de mãe

Puxado pr' um miço cão

Branca ao longe uma oranga

Esta oranga sou eu !...

Adeus se não cantada

Uma pausa mais fresca

Uma senhora bordando

Pela qual é rezada

A rainha brincando...

A senhora é minha mãe !...

Oh! que existência tão bella

Sem cuidados no mundo !

Que nemiquê ha de vir

Esta amor a esquecer ?!

E profetia a minha stella

Chão feliz não posso ser !

Venturosos são também
Os meus adorados presos:
E se não são meus amigos
É por ella é muito amado...
Viver tão chegado
Haver no mundo finar!...

Que atroz diais aisonhas
Como eram bellos os sonhos
Que sempre sonhava antes!
Mal havia de dizer
Opo Cintra que soffrer
E o mundo sem compadecido!...

III

Era uma celebre actriz por todos adorada,
Quando pisava o palco, fascinada
Com uma vibrante aclamação
Por entre a plateia irrompia!
E toda inteira essa multidão
Se ella applaudia!

Como uma deusa era formosa:
Olhos de fogo, bocca graciosa

Pis de Condillon, as mãos de fada,
Alta mas não muito elegante.
A idade (Graça embriagada,
... En estonteante!

Quando qualquer seus olhos fixava
Em estatua de sapato esse alqueitane,
Til o fogo que vinha ao olhar!
Não satânico e lindo o seu sorriso
Que se ninguém depois de o separar
Ficava com juízo!

Personificava em fim a formosura
Essa embriagante creatura
Que todos e si acontecia!
Se alguém tinha o olho de feto
Ella d'era ~~algum~~^{minha} se apressava...
Fazia-o despagar!...

IV

Também quiz admirar
A sua gentil figura
Que me o mundo encanta!
O'ahi partia a minha dormentia!
Feliz e desociedade

- Em no thate então ;
Mas apparece por fim sorridente, bella...
E por ella
Sou fascinado !

Amai - a ...
Tambem disse com - me ...
Junto de orem chama - e ...
chance fazei por havers de meter - me ! ...

V

Numa avenida ennobrecida
Em hoques redofentos
Dai's terno ameto
Louvam feliz vida !

Que por tão bello !
Faz gosto ~~re~~ - lo ! ...
Como se amam !
São tão firmes
Tudo os chamam
Os Venturosos !

Na mercede isso se amam !
De manhã pelo jardim
Com ella em gracie amam.

E que helbo era o passeio!...

Sempre s'alguma coisa!

Como eu... como eu a amava!

Ah me tangue, claro

Que era sempre pouco e raro,

Sentava-se ella ao piano

E cantava uma canção

Que me enchia o coração

De prazer... ficava afano!

Dizia assim a cantiga:

«Havia uma rapariga

«Que não cria no amor,

«Seu coração era frio

«E não tinha nenhum calor.»

«Impunha que os outros todos

«Queriam só... só namorar

«~~De~~ «Tela que era a mais formosa

««afastava-se a trabalhar!»»

«

«Ates um dia o deus Cupido

«Atos feneo p'la sua tua

«Preparou nella o extaço

Declama - cho logo piana b

atral ditta rapanea

clama agora em favor

e credite seriamente

e o amor... amor... amor!...

Se ouvindo canções tão linda

Ficava enasado ainda:

acompanha ao longe o cantadoz

era trona sentida

eternidade trona guarda;

amor... amor... amor!...

E zanga logo acabava:

Os nossos labros se uniam

et il-lheja entre se amam!...

Como eu... como eu a amava!...

VI

Passem-se três meses

e o decorrer do ultimo em a's nozes

et a rapana a meoma a munda caente:

Passem de tatar-me

Passem-me em me

Da poram sempre etomente ante!

Um dia por força tive que sair
E ao voltar não a encontrei
Ela me encontrou como costumava:

Fico louco...

Espero um pouco...

Não vem!... Eu não sou a Chama!...

Porém, com pena tanta no coração
Mas não desanimei e procurei-a!...

Achei-a

Com o coração por outro lado agitado!...

Parabéns mata - to... mata!... de ti matei,
Amando-a tanto eu queria e me feliz!

Se nella só, eu a mantinha a chei

Por ella morrerei ^{já que} para assim o vejo!

Queda que se tuirte a minha vida!

O desceço eterno agora não a vejo

Quando pra sempre a meu abraço me,

Tanta paz a morte... a morte... a morte!...

E morro amando essa minha vida

A quem pra sempre entrego a vida

E me fazou tão mal!

et as ellas não se lançam!... Deitam-se as mãos
Uma ao pé da outra!...

O o balcão?
Presenciamos as mais altas ellas! 10
Uma levou este da linda mão? 9
Da mais linda de todos os donzelas. 10

E as em cavalheiros diz assim 9
A dona da casa: — Se o amor 9
Que as jovens nutrir por mim 8
E 'tão ardente como as fúrias, 10
Se diante do fogo não se queimam 12
A leve idé apanhar-se já, sobre! 11

Refugio como um vaso sem fortificação 12
Ao fúnel recinto das ovas e ovos! 12
Como fúrias... com aspectos amedrontados 9
Vêm - no lado esquerdo? 10

.....
.....
E elle traz a leve e leve e leve 19
Recebe o outro sem fim de leve! 10

D'ou pite i' elle so' o aluo!... 9

Com um munt' tamo alho d' amor 9

Peche a donzella o venado; 9

E^{lla} amha novo alho offeça 10

Do cevalleiro a faldada grande 10

Elle acorto a terra do anemega 9

Valtando - llo as costas em aguida! 9

29-IV-1906

A loba

(de Schiller)

Já se temer um miui sanguento 9
 Combate entre medonhas feras, 8
 (oh! barbaros costumes d'outros dias 10
 Em que existia tal divertimento) 10
 Como fô'era el-rei sentado 9
 Altivo soberbo, e magestoso, 9
 Pelos fidalgos rodeado 8
 E formando um círculo gracioso 10
 Bem as damas num halcão 8
 Olhos... sorridentes... lindos... bellas... 10
 Ahem... e os fantes e pade S'ellos .
 Primeiramente as saltos em hão. 10
 Depois em canoa mais veloz 9
 Depois das Selhas ao encontro vem 10
 Um tipo rugindo, miui feroz 9
 Que se Satanaz os olhos tem. 9
 Tudo se torna então silencioso 10
 O change as feras om de... corais. 9

Adens... adens ob. 'doci amens gaudi...
1881/1

XX

A voz apito do rio pagante
O seu corpo todo estreme com
A sua alma... a sua alma canta
O seu corpo todo estreme com!

off. a. - Ab. P. 1906.

~~Adens~~

Adens
Adens



Gasconada

(do francês)

Em Roma um gaseão junto a um cardal
Saltava, em Genna perseverante;
« É um rio importante,
« Mas não é um equal! »

« O auctor isto retorquiu sua emmerita;
« Não nego de Genna a excellencia,
« Porém com o Tibre, em comparação,
« Não que não seja muito munda »

Responde - O gaseão
Saltando a gogolito:

« Não me falle no Tibre, que se temesse o rio
« Passar p'le meu castello, não me parecia o quê fazer »

(2) a Logo ordinaria

(1) & Que fôr o supposto! »

Consehação a um amigo pela morte da amante.

afonua a tua amante e a sua imagem linda
ellegre e bulizosa, julgas ser ainda ...

Unindo aos teus livros os livros dos Troncos,
Julgas também vê-la e os osculos auctores
Pinta-las a quemer!...

abinda e entendo constas, que waa,

O animal, elachante, como os flous angor
Vom e frouer!...

abreucando-lla da vida a froua exen...

A roga morte com do d'itron...

Fuader-lla e oar...

el froua e a froua ... na os flous...

L'ro froua que froua

ella vida com a namba. Se esse elle froua,

Se defuio ^{supra} do mundo d'itron a d'itron

E abandonando a touna entron ou coud

el d'itron froua a froua...

Que amantam, lo amantes,
Amantes, filhos e pais!

Vendo-a sempre cruminda
Tu fallas. A d'esta sorte:
De mim^{th!}, O me confessa
Oh! fog-me mais d'a morte!...

co'ão a plegar por que ella
Tambem te enira' burcas.
falgar ^{valer} ~~co'ão~~ que no mundo
Des- si ~~de~~ ^{sempre} ficao!...

Subirei tambem aos cãos
Onde a tua quer'ra amante
Estappendo palpitante
Os dentes hei'for tans...

Seis então menturon
D'ella não te fustaras
Sempre ao teu lado recar'
O seu perfil gracioso!...

Coragem, não desconfies
Porque a morte ha de cruetar,
Quando teu nome esleves
O ao o com acrilhetar - te

allente, allente, craquez
Reage ... Avec patience !

Quand le moment sera venu
Et à coup sûr
Que de bonnes raisons !...

Amis pour :

Pacience !...

Lr. 12-VII-06

(com os honros que a república se dá a este momento
tendo transporem o ponto de honra, com o que se dá
tudo, depois de alguns instantes, e a este ponto honroso
as honras e honras de honra de honra de honra de honra)

honras de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra

Pois a morte não se dá a este ponto honroso

de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

(de honra de honra de honra de honra de honra de honra)

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra
de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

de honra de honra de honra de honra de honra de honra

(de honra de honra de honra de honra de honra de honra)

27.2.1906

XXIV

Quardras

A tua tão negra trança
 Deanta ao fô famoso
 Que quero tomar um banho
 De teu cabelo sedoso.

A chama do teu olhar
 Quando invade os meus olhos
 Tanto que queira ir mais
 Que o sol do meio do apêto.

Enaice os meus sentidos
 Tem sorriso encantador;
 A minha alma desfalece
 E o coração põe a flor.

Se eu tivesse uma madeixa
 De teu cabelo sedoso
 Passava a vida inteira
 Beijando-a cheio de gozo.

Do teu lindo olho negro

Bandei-me fozgo sagrado
Que choga fuzpei tament
Pra fazer um bello amor do.
Estando a chomgo
Amor e' chome que mata
Pra mi dizer a algueim
Pois eu com esse tal chome
Tenho me dado comui leme.

Pa fume que se acurte
E fize rancem de amor
Se dea chegar e fuzor
Mas e' fufume e' fuzor.

E mais fuzcom um mao
Mata a qumta dephanto
Do que tero^{to} num só do e
M' enoo^{to} que minto amantos.

E qumzora que o amor
Se conhece por fura
Pra meo qumta a manira
Hoje em dia marmora.

Se tocare com melamento
Que me diere qumta e qumto

A ti adorado anjo
Marcera... marcera Tuol...

Eu amo-te de verdade
Pati... arsa...
Uma galinha hum pora
Que contigo comou!

Agosto 1906.

Amor ou morte.

É formosa
 Como a rosa
 De mandrá,
 Facciosa
 Caprichosa
 De mi banga

Repeto tu és amilhada
 Fascinante
 Estorcente
 Como antes não me achas.

Na tua fronte gravada uma
 So'a t'as me unido a teu
 Porem elmo

Pais não que és como se fosse
 E oh! não me mofas
 Que a mim se dá!

E por isso salto airo
 Lancinante
 Penetrante

O sangue da tua vida,

XXVIII

© que querem que aqui faça?...
(monólogo comico)

(monólogo comico)

Lypro. Surgiu completamente vestido de casaca. Estre-
mamente amarelo. Chaga e sem, dirige-se imediatamente
ao publico e começa:)

Boas noites. Como passam!...

Elle.º hem ao que parece.

© que querem que aqui faça!

Dizam lá: Que lhes offerece!...

Que me recite lendas negras,

Ou que cante um bello fado?

Que me diga uma cançoneta

Ou um monólogo engraçado!...

Senhores é preferir por bocca...

De tudo, de tudo ni,

Se até uma vez sólido

Em um fustido canto!....

Lypro

Mas Eff como curo a febre natural

Eu aqui a represento

Quanto
sem mais
actores

M. ^{to} ao, sem mais palavras!

P'ra que é que vem o talento!...

Eff es ninguém me fala nada!...

Seu cerimonia é onerosa...

P'ra que é que eu aqui vim

Não fui para os alegres!...

E ficam todos calados!...

Como eu vou-me embora...

(a si mesmo)

Vou esculpir que fustado!

Diga lá minha senhora!...

Valvez queira que eu cante

A aria da Tosca... Não...

E qualquer trecho da Madama,

Da chita ou do B. apito?...

Lyrena!... Fica calada

Cansa nenhuma me diga...

Não a posso aqui fazer...

Ai como sou infeliz!...

For $\mu = 0$

(I can cancel you)

~~Labrador~~ por aquelle cavalheiro

Deafening drum beats

Le représentant... On en fait

Displacement... One section

He preferred some tragedy...

(1889-1906)

I can hear make no response!...

(2) $\int_{-\infty}^{\infty} \delta(x) dx = 1$

2. *nocona*; bella forma.

O que escolhe ser o aparelho

Que son grand malheur !..

(Linda Marie Leung)

76 cm ... na masme sati

Prise garde comme d'habitude!...

(Lenses on Tent)

abb! finalmente si va!

O que querem e' que os deixes!...

(Compendio a la obra)

Offendo-hum, non retort-me
Sed e monoma semora.

(emergendo a bocca da
terra, ao publico)

Quam parum sumi cura
Ante se eu me ex ambrosi:

esperet se nara quoniam
et summa expanella cativam
Parque meus caros venturos
Um monologo... sempre occurram!

(sabe rapidamente)

21 março 1807.

A Boneca

(narrativa d'um saltador)

Salais, tens metade onete gente
 E jamais tremi ao tel fazer.
 Quando assassino a oninte'alma todo
 Até ^{com um} ~~com um~~ ^{pequeno} ~~pequeno~~ enfunel parapor.

Ao enterrar malquem o meu punhal
 Ponto-me feliz, porquê não sei,
 É possível que só por fazer mal...
 Houve uma vez por um em que hesitei:

Ha ^{há} ~~dez~~ ^{dez} ~~anos~~ ^{anos}, ~~trinta e quatro~~ ^{numa} ~~vez~~ ^{vez}
 Eu e outros companheiros assaltámos
 Um ninjento ao qual roubámos
 Tudo o que tinha ... quasi tudo...

E depois de o termos morto ^{em} ~~em~~ ^{uma} ~~uma~~ ^{cidade} ~~cidade~~
 E me uma testemunha honrada de facto:
 Uma criança que assistiu
 E ao longe, adormida, com depeza.

Chia de feno ella esteva
Uma honra ao peito e a soltar
Colrando-a de caricias e beijos
Como que p.^a a receber!...

Deixar nova a creanga ao impondel
Saber-o hia tudo e de tal sorte,
Triamos á força, á força de amor
Onde nos deixam ^a ~~uma~~ ^{menecida} a morte!...

Orri-falo por a creanga sem demora,
Aganei-o, não quitei, nunca o
E disse-me: - Levei matamos comore
O que de minha honra tinha lá!... »

Estremeci.... E' que nos olhos seus
Havia uma tão grande e tal doçura
Que a minha alma, consumida, impura
Fala vez foverava alicer D'eu!...

Desviei o meu olhar dos olhos d'ella
Fiquei na face por ella entorpecido,
O que eu: - Li no rosto uma expressão bella
Que a ~~alma~~ ^{alma} cento e cento vezes a mudar!...

Jeig então um suspiro desesperado...
Entrai-lhe a face em plena coragem!...
... Não leste na Lili, tome cuidado!...,,
Gratias - me ella ao beijoar no etão,
E docemente, comydo p.^o meu, se pisei!
~~Entrai-lhe a face em plena coragem!~~
cê!... repareis nem rei o que sent!...
E fêbre do meu ^{coração} ~~coração~~ ^{apressado} apressado...
E chorei!... sem chorei!... Depois fugi!...

.....
A Lili, a boneca tão innocente
E' fêbre minha a relíquias manuscritas.
Corra-la hei eternamente
E aquella gente bem guardada!.....,,

21 março 1807

Versos d' amor.

Eu conheço uns olhos negros
 Que brilham como diamantes,
 Chamei-me f.^o e pé d' elles
 E fiquei tal como d' antes!...

Eu conheço uns olhos verdes
 Que alumiam semt' olhos,
 Off' os terço até' herf' os
 Off' os nunca os fiquei amando!...

Conheço uns olhos azues
 Como aquillo sem se não vi
 Frouxo, bello... Por elles
 Ofirmao amor eu rente!...

Tam hem conheço uns castanhos
 (Que são os deos m' minha amada)
 Bem realçao uns olhos puros
 Off' imp' alguns and' a apaixonada.

Conteço uns cabelos louros
Que são d'ouro precioso
Eja' lhos ~~for~~ como o perfume
Elas não fui nem bem fôr!

Conteço uns cabelos negros
E o branco o mais retato...
Para a minha mãe por elle
Elas não... mas não a gosto!

Tambem conteço uns cabellos
Os que já algum molham...
Apesar d'isso os tyranos
At' em respeito m'imprescindam

Elas eu sei pouco d'onde saem
E o castanho mais vulgar
Lupa d'agua graciosa
Tudo sempre a d'olhar.

Tão vellos ellas são,
Tão finos, tão abundantes
Que no mundo não existem
Por entre outras semelhantes!...

Quê Sei de m. ta mulher bella
Q. no não posso talhar
So a ti, a ti meu anjo
E' que eu hei de sempre amar!...

21 março 1907

XXXI
A Cortezã.

O perfume m.^{to} esquentoso,
O sálvio tintor com carmin,
O theirolas feitas a elanquim,
O vestido justo e vaporoso

Para asforyarem lhe amoldar.
Ella anda assim, quasi que nua,
O e monte e de dia pela rua.
O se tax e ptra diante sempre.

Entrega-se a qualquer semo accento
Amengar o preciso pto no ror
Vende o seu corpo por não ter
Outro caso que vida ... contadito !...

E' a finitamente de gozosa
Esta mulher que quando ama,
V' que colata esta do carne,
E que ama como não pode vir tinda

Compassão devemos proporcionar
Por essa tão misérrima criatura
Que como as brônquias bronca por
Alas que despois não se recolher!

Aquella que como infante a nado,
Tirar nunca de ~~beu~~, sempre de mel
Vem a caber, certo é fatal
O esta existência segregada!

22 março 1907

Antit-beses

I - O cano de Bova - O automóvel

Um cano de boia p'ra andar
Uma legua em estrada lisa
Sem carga m.^{ta} pesada,
Effaço que uma boia puxa!...

Um automóvel p'ra fazer
Effaço que duas na mesma estrada
com meia vira a paster
Levando carga pesada!

II - A mala-posta - O correio.

P'ra ir de Lisboa a Porto
Poucos dias em mala-posta.



São poucos os que pergo
O que lá não arrosta!

O'ra favor esse trafecto
Flap'as cam'os do de f'm,
Sem pergo, eu necessito
De seus honros e não erro!

III - O navio de vela - O paquete.

P.'o ir ao ab'ro do mundo
Um navio de vela, eu
Se levei só quatro mezes
E' f' de um f'mor o o etc.!

Alor se tomar um paquete,
Dos maiores que h'ja ha,
Apesar em cinco dias
Lan, por cá, posto lá!

IV — O correio = O telegraphes.

Uma nona de Alcatraz
 Que nunca pelo correio
 Gosta em chegar a Lisboa
 Talvez mais que mais o mais!

Lo fuma pelo telegraphes
 A marmosa foi enxada
 Em menos que um segundo
 Par' ella cá chegou a!..

V. A cera — A luz electrica

Par' quem se illumina
 Uma salta, mas ai com melas,
 E quantos d'esses e outros
 A' cear' t'ancos n'os d'olho!

Off es se for com luz electrica
 Uns d'esses chegam,
 E outros claro que o dia
 F'icam' esse salta!..



VI = A agulha - A machona de costura.

O'he fazer uma camira
Com uma agulha, á mão,
A mais azel costureira
Gasta por cento um roão!

Offese mesma se tirar
Uma machona de cost
Quate em ^{uma} ~~uma~~ só noite
O'he menos se fazer.

22 março 1904

~~~~~

# Historia da Nossa Festa.

[p.<sup>a</sup> o programma do saraa promovido  
em 15 de maio de 1907, a favor das  
victimas sobreviventes do incendio da rua  
da Magdalena, no theatro de fiasco por  
los alumnos do Lyceu de São Domingos.

---

:

---

Caro leitor, eu pretendo  
que me fique bem conhecendo  
a historia inteira da festa  
que hoje vai fazer-se.  
Por favor? Attenção presta  
porque eu vou já começar.

O senhor Julio dos Santos  
tendo unida a bella idea  
d'um saraa organizar  
o' cá do nosso Lyceu,

Da lembrança parte deu  
E alguns dos seus companheiros,  
Devos foram os primeiros  
A Vovoz, o Póer e eu.

Para ir a passeio  
Elegor uma commissão,  
Com tal fim organizou-se  
Uma grande reunião.  
A rór Santos assumiu,  
A comitê, a presidencia  
E com uma poze ultra-grande  
Diace assim Sua Excelencia:

a- Amigos eu reuni-os  
Porque lhos quero dizer  
Que se achava que este hyer,  
Que estimo por ser o onen,  
Uma grande e bella festa  
Devia organizar  
Para onostrear que é unido,  
Estudioso, esemplar,  
Pra se tornar conhecido,

Pra se tornar aferrado.  
«Ao Concordam?»

«- Apurado!»

Quem a coram bleis empuro.

«- Bem agora só nos resta,  
Proteger o illucto Santos,  
Eleger a commissão  
Que de tudo tratará,  
E em propunha que p'ntal  
Fosse feita notação  
Nominal.»

Distribui-se papel  
A' Conspicua S'assintencia,  
A qual os votos mettia  
O o chapéu da providencia.

Apurada a notação  
Leve este recultado,  
Para nós mui honzoso:  
Presente = Julio Santos,  
Vozes = Ello e Sá Camaro.

Depois os três delibermos  
Agregar mais dois vogaes  
E p. o caso chamá'mos  
Bellamido e o V. Pereira.

Constituída a commissão;  
Sem barulhos e sem ralhos,  
Esperança, mundo, ordem,  
Iniciou os seus trabalhos.

Offes nossos reunidos  
De varias questões tratamos,  
Uma peça arranjá'mos,  
Uma peça de valor,  
E os actores escolhemos...  
Offes chega a grêm maldita,  
Por isso, que dissolvi,  
Todos os nossos trabalhos,  
Organados, interrompemos.  
Que má sorte! Que azar!

Porem nada dura sempre -  
Passou tempo, terminou

A guisa e tudo voltou,  
Como dantes, ao normal.

Hai por esta occasião  
Que trouxe o incendio tenebros  
Na Rua da Esquadra,  
Para catastrophe tenebros  
Que alarmou a capital.

Conduzido por tal caso  
Dizem-nos um dia o effeito:  
«Um fim alturista e bello  
Pode e deve ter agora  
O Sarau que pretendemos  
Todos nós organizar:  
O producto entreguemos  
Aquelle que escaparam  
Do incendio, mas que polvos  
Por causa d'elle fizeram.»

«E' a ideia de primeira.»  
Quita tudo e tudo appare.  
At' um cum unico dos membros  
Tal pensamento repova.

E nós todos, onde estiver  
Trabalhamos a maior,  
Com mais gosto, mais vontade,  
Com coragem, com prazer.

O pouco que conseguirmos  
Vai ao encargo qual'or,  
País que toca a cumprir,  
O seu espectáculo com'or,

4 maio 1907

# A Elegante

---

Ao longe:

„Belloe cabelloe!  
 São de ouro fulgurante!  
~~Que~~ Linda trança! Que abundante!  
 Sem senhor! Belloe cabelloe!”

De perto:

„Oh! mas que mais!  
 São portigos! Não são S'ella!  
 Bolos! p'ra trança bella,  
 Peco não é S'ella, hem não!”

XXXXX  
E assim como o cabello,  
A elegante s'hefi em dia.  
Tudo o que traz, é portizo  
Berde os pés 'tô' ao loutizo!

6 de janeiro 1908

# Recitativo da Ginginha

(p.<sup>a</sup> uma recruta)

Co' a longa penca vermelha na ponta,  
Aos horócos, onuitonta, a cambalar,  
Ei-l'a aqui vem a hem lina ginginha,  
Sempre promptinha pra todo trazar!

Com meu sangue, que é sangue de Deus,  
Seu escarcen, trocateras eu limpo;  
Por velhos e novos sou pois a forada,  
E ali' venerada, qual deusa do Olympo.

A pobres e ricos, alegres e agueiros,  
A todos offereço um lugar em meu seio:  
Tracar todo o mundo! é' onca ha oncas,  
Sublime penção, que avelha, ca bestão!



É' beber-me ob.' rapazes, que eu souvos  
Alento,  
Laher e taltudo, p're tudo apprender!  
Farei o que eu digo! bebi da gongala  
Que souvos depressaunka souvos de  
apprender!

fev. 1908.

O trabalho recitativo foi feito p.<sup>a</sup> uma revista  
academica planejada primeiro com a collaboração de R. Pe-  
rez, aggregando-se-lhe depois R. Teixeira Duarte  
e Vergilio Silva, R. Perez e T. Silva desistiram  
porém, ficando em lugar d'elles, Thomas  
Cabreira Humar que com R. Teixeira  
Duarte e comungo a concluir, tendo ai so

representada com o título de ? na noite  
de 24 e 25 de abril de 1908 no Theatro do Gymna-  
cio, na noite promovida pelo grupo Dra-  
matico do Gym de S. Domingos, sendo a musica  
coordenada (e com alguns acompanhamentos) por Al-  
fredo d'Almeida. Isto meritativo porque foi  
contado juntamente com outros m.ºs. de  
diante vão alguns d'esses. N.ºs. de m.º em  
novo que se referem foram os seguintes (partidos): Ofi-  
ciologo do ponto - N.ºm do Secretario da em-  
presa - Trazos de relógio - (colocados em marca)  
Acadêmico de ex.ºs de novo Cri - (Cantado) Ba -  
lancas dos condimentos - Trocisco 1.º de jogar de Porto  
d'Almeida e Secretario - Fado d'Almeida e das  
e cor-o final. e lido ultimamente de colheção  
com R. Teixeira Duarte.



Algumas coplas e versos da  
Revista popular e sua:  
Semica?

# Índice

- I - O fidalgo e o lavrador.
- II - O monte de Natal.
- III - A tempestade.
- IV - A Quinta da Victoria.
- V - O amor. (soneto e flores)
- VI - A Rosa. (soneto e folheto)
- VII - Perfil. (soneto)
- VIII - O Planeta (tradução de O. Monteiro)
- IX - Fragmento d'uma poesia (tradução de Victor Hugo)
- X - O monte de W... (soneto)
- XI - A alha anelada.
- II - Como o mar e amor lutam por ti.
- III - O castigo da Catigã.
- IV - O encina da trampa e o ouro
- V - A alma estranha.
- VI - Dois instantes
- VII - Canção do rei do Thule (tradução do alemão de Goethe)
- VIII - Lullu (tradução do alemão de H. Heine)
- IX - Recitações d'um maribundo.
- X - A lua (tradução do alemão de Schiller)
- XI - Goscunadas (tradução do francês)



- XXII - Condição a um amigo pela morte da sua amante.  
XXIII - História Enamorado (monólogo comico)  
XXIV - Quadras.  
XXV - A quem?  
XXVI - Amor ou morte  
XXVII - Ensangrentada história (monólogo comico)  
XXVIII - O que passou que aqui fez? (monólogo comico)  
XXIX - A Boneca (monólogo comico)  
XXX - Versos de amor.  
XXXI - A Corteza.  
XXXII - Antitheses.  
XXXIII - a nossa festa.  
XXXIV - a Elegante.  
XXXV - Precitativo da Sanguineta (p. um amigo)  
XXXVI - Analises.  
XXXVII - Precitativo de d. Benvenuto. (da r.?)  
XXXVIII - Fado de Archimedes (idem)  
XXXIX - Monologo do Porto (idem).



